

**Observando o contexto nos processos comunicacionais:  
a importância de uma estilística da comunicação**

*Observing the context in communication processes : the importance of  
communication's stylistic*

Victor Eduardo Bijos Jardim Gomes BRAGA<sup>1</sup>

**Resumo**

O artigo procura mostrar a relevância da noção de contexto para se explicar a mudança de paradigmas observada no campo da pesquisa comunicacional e, a partir daí, evidenciar a importância de abordagens analíticas que não obscureçam a dimensão contextual das interações comunicativas. Ancorados na perspectiva sociocognitiva que T. Van Dijk dá à noção de contexto e na visada interacional que Mikhail Bakhtin dá à noção de estilo, buscamos sistematizar uma estilística da comunicação que evidencie essa percepção contextual das interações.

**Palavras-chave:** Contexto. Estilo. Análise de Discurso. Interação.

**Abstract**

The article tries to reveal the importance of the context to explain the paradigm shift observed in the field of communication research. It seeks to show the importance of analytical approaches that do not obscure the contextual dimension of communicative interactions. Anchored in the Van Dijk's socio-cognitive perspective about context and Mikhail Bakhtin's interactional perspective about the notion of style, it seeks to build a communication's stylistic that highlights the contextual dimension from interactions.

**Keywords:** Context. Style. Discourse Analysis. Interaction.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Professor do Curso de Comunicação Social da UFPB. Bolsista CAPES de doutorado pleno no exterior. E-mail: victorbbraga@gmail.com

## Introdução

Iniciaremos este artigo com o intuito de apresentar a importância da noção de contexto para a pesquisa em comunicação e sua contribuição para uma maior percepção de especificidades desse campo de conhecimento. Apresentaremos, em seguida, a teoria do contexto elaborada por Teun Van Dijk para, a partir dela e do conceito bakhtiniano de estilo, delinear um esboço de proposta de uma *estilística da comunicação*. Acreditamos que essa proposta nos possibilitará perceber – já que entende o estilo como um operador central para se entrever o contexto e entende o contexto como uma interpretação intersubjetiva das situações sociais - como a relação entre o individual e o social se apresenta, através dos processos comunicacionais, enquanto dinâmica constitutiva da dimensão cultural da vida social.

Levar em conta o contexto de uma interação comunicacional, além de importante para que os participantes dessa interação possam realizar inferências corretas sobre a materialidade simbólica ali expressa, são do mesmo modo importantes para o pesquisador que quer perceber o que acontece na interação. A pesquisa comunicacional, desde que abandonou um paradigma que encarava a comunicação como um processo de transmissão de informações, se depara com esse tipo de cuidado: observar corretamente o contexto da interação. Esquecer-se disso traz como risco justamente a volta daquilo que abandonamos ao adotar novos paradigmas: uma pesquisa que irá impor à realidade os parâmetros de interpretação do próprio pesquisador como verdade última.

A afetação, sofrida pelo campo de pesquisas em comunicação, por uma certa sociologia que obscurecia os micro fenômenos comunicacionais, observáveis apenas empiricamente nas interações concretas, trouxe como consequência o cacoete de se produzir teorizações apriorísticas sobre os processos comunicacionais ignorando a atividade cognitiva dos sujeitos como modeladora dos contextos situacionais e socioculturais. Com isso, o que se alcança é apenas a atividade cognitiva do pesquisador sobre fenômenos em que ele não participa diretamente. Tentando aqui levar em conta que a cognição é situada, tal como nos propõe uma sociologia de tipo etnometodológica, a justificativa de uma estilística da comunicação se revela por sua capacidade de

mostrar os processos de mutualização de mundos cognitivos dos participantes da interação de modo situado e local.

## 1 Contexto e comunicação

O campo de estudos comunicacionais – historicamente diversificado e dispersivo - tem, apesar de sua confusão ontológica, um ponto forte de clivagem que nos permite começar a observá-lo de maneira um pouco mais sistematizada no que diz respeito às especificidades desse campo de saber.

Esse ponto de clivagem é a ultrapassagem do paradigma clássico - também chamado informacional - pelo paradigma relacional da comunicação. Embora essa ultrapassagem possa ser, mais ou menos, delimitada no tempo – algo entre as décadas de 60 e 70 do século XX – é difícil falar em superação evolutiva cronológica de um paradigma por outro já que, com locais e intenções diferentes, o paradigma relacional já estava presente desde as primeiras tentativas de construção de conhecimento sobre as trocas comunicacionais - como podemos perceber, por exemplo, na microssociologia americana da Escola de Chicago ou nos estudos do Círculo bakhtiniano ainda nas primeiras décadas do século XX – assim como o modelo informacional clássico de comunicação pode ser encontrado como paradigma construtor de algumas pesquisas produzidas ainda hoje. Entretanto, acreditamos continuar pertinente falar em ultrapassagem do modelo informacional clássico pelo modelo relacional já que é amplamente consensual no campo de estudos comunicacionais, hoje, essa última abordagem.

Durante boa parte do século XX, o modelo comunicacional percebido nas pesquisas acadêmicas - chamado informacional ou clássico - teve como referência os trabalhos de Shannon e Weaver da década de 40. A chamada *teoria matemática da comunicação* pressupunha uma concepção linear e transmissiva da comunicação, fazendo equivaler semanticamente os termos comunicação e informação. Este tipo de olhar encarava o mundo como pré-definido, pois, como critica Louis Queré, assume que suas propriedades seriam

independentes da percepção e da atividade cognitiva dos sujeitos do conhecimento, que se contentam em recuperar ou em reconstituir uma realidade extrínseca... Fazem parte deste mundo real pré-definido tanto

os estados internos dos sujeitos que podem comunicar suas intenções, desejos, crenças, pensamentos, sentimentos, emoções etc...(enquanto estados intencionais, reais, discretos, individualizados e diretamente acessíveis a seus possuidores), quanto os estados das coisas, dos acontecimentos, dos objetos e das pessoas (1991, p.4)

Por esse modelo, os processos cognitivos dos sujeitos não incidiriam na concepção da realidade - já que pressupunha uma realidade objetiva - e o emissor falaria sem a co-participação do interlocutor, o que nos revela uma concepção, além de fragmentária dos processos comunicacionais, também monológica do sujeito comunicacional. À linguagem caberia apenas um papel de representação, pois, estando o mundo pré-definido, só restaria a ela “*na sua construção, substituí-lo*”(FRANÇA, 2003, p.41).

Os contextos, ali, não teriam nenhuma importância para a definição das mensagens, dos sujeitos envolvidos nesse processo e da própria realidade enquanto elemento social. É uma concepção, portanto, que não leva em conta os constrangimentos contextuais a que toda situação comunicativa é colocada. Assim, a relação que se estabeleceria entre os sujeitos interlocutores, entre esses e as mensagens produzidas, assim como entre a vida social e esses sujeitos nunca seria afetada por condicionantes situacionais, sociais, históricas, econômicas, políticas, culturais etc...

O paradigma relacional, por sua vez – tornado hegemônico apenas nos anos 1970 através, principalmente, da herança dos Estudos Culturais desenvolvidos pela escola de Birmingham - pressupondo a reflexividade efetiva das trocas comunicativas, devido à sua concepção nitidamente interacional entre os sujeitos interlocutores na construção mútua de um mundo comum, percebe a materialidade discursiva como uma articulação constitutiva entre os sujeitos e, no lugar de uma linguagem pretendidamente representacionista que revelaria, como em um espelho, um mundo pré-definido, observamos agora um modelo que dota a linguagem de uma dimensão constitutiva do real através das formatações próprias que cada contexto dá a esse processo.

A comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado por meio de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e dos quais recebe reflexos (FRANÇA, 2002, p. 27)

A dimensão contextual, portanto, encontra no paradigma relacional uma morada acalentadora. O contexto em que ocorre a situação comunicativa tem uma forte importância na definição dos elementos dessa situação (sujeitos e materialidade

simbólica) assim como da própria situação em si. É inconcebível, por esse modelo, encontrar definições ontológicas para os sujeitos da comunicação ou predizer significados à materialidade simbólica da troca comunicativa sem observar o contexto em que essa troca é realizada. Perceber o contexto das trocas comunicativas – os contextos de produção, circulação e recepção das mensagens produzidas por essa troca que, ademais, apresenta uma infinidade de dimensões (desde as microdimensões locais e situacionais até às macrodimensões sociais, culturais, históricas, econômicas, geográficas etc...) – é o eixo que garantirá observar o fenômeno comunicacional sem fragmentá-lo da maneira como ocorria com as análises feitas a partir do paradigma clássico informacional.

Os estudos comunicacionais – a partir daquela ultrapassagem de paradigmas – parecem ter-se voltado, então, para a percepção das modulações contextuais da vida social expressas pelo conjunto de suas interações comunicacionais, deixando entrever uma ligação bastante profunda – e de afetação mútua - entre a dimensão sociocultural da sociedade e o agir comunicacional. As análises sobre a expressão desse agir – a materialidade discursiva – dotam-se, então, da capacidade de nos fornecer indícios sobre a própria constituição da vida social:

a expressão é uma manifestação encarnada nas ações, ou nos objetos expressivos, de um desejo, de uma intenção, de um sentimento etc.. de tal maneira que estes não existem previamente a esta expressão ou independente dela. A expressão pública é ela própria constitutiva do ser daquilo que é expresso (QUÉRÉ *apud* FRANÇA, 2003, p.42).

Esse tipo de pesquisa apresenta, portanto, como uma de suas potências, a percepção do movimento de reestruturações socioculturais através das trocas simbólicas efetuadas socialmente. Esse movimento é a expressão de um jogo constante de contextualizações e recontextualizações criadas a partir daquela afetação mútua entre o agir comunicacional e a dimensão sociocultural da sociedade.

Entender exatamente o que são os contextos nos parece, desse modo, fundamental para se pensar a comunicação a partir de um viés efetivamente relacional.

## 2 A noção de contexto

### 2.1 Abordagens individualistas x abordagens coletivistas

O antropólogo norte americano William Hanks (2008), na obra intitulada “Língua como prática social”, percebe dois tipos opostos de estudos sobre o contexto. De um lado, ele vê abordagens *individualistas*, que concebem o contexto apenas em função dos constrangimentos locais da enunciação e, de outro, abordagens coletivistas, que o concebem em função exclusiva dos fatos coletivos. Como se pode perceber, Hanks vê uma polarização nas abordagens o que, segundo ele, enfraquece a análise sobre a noção de contexto:

Esta polarização dá origem a exageros e deixa escapar muitas oportunidades de pesquisa produtiva. Ela torna obscuro como articular diferentes níveis de contexto analiticamente, ou até mesmo se tal articulação é um objetivo adequado. (2008, p.173)

A polarização, notada por Hanks, coloca a noção de contexto sempre a partir de posições exageradas quanto a capacidade, ora do indivíduo, ora da sociedade enquanto força social maior, de constituí-lo:

Dado que o discurso responde ao contexto em graus variados, e que nenhum cenário social efetivo pode ser caracterizado apenas sob micro ou macroperspectiva, as duas estão inevitavelmente contrapostas uma à outra. Em sua forma mais forte, o individualismo metodológico defende que os fatos coletivos estudados pelos sociólogos e pelos antropólogos são epifenômenos das ações individuais, ao passo que os proponentes do coletivismo podem defender com igual convicção que os enunciados individuais e as interações face a face são materializações triviais de forças sociais maiores. Desse modo, as divisões em escala subscrevem alegações contraditórias sobre o que é mais fundamental para o contexto (2008, p.173)

Hanks passa a preconizar, então, a necessidade de se tentar integrar esses dois níveis de análise já que, de fato, “as práticas discursivas são configuradas por e ajudam a configurar os contextos” (p. 174).

Com a finalidade de mostrar um caminho possível na direção da integração desses dois níveis de análise, recorreremos à *teoria do contexto* elaborada pelo analista de discursos Teun Van Dijk, que explicita esse propósito de integração e, depois, ao conceito bakhtiniano de estilo – que parece se acoplar perfeitamente à teoria de Van Dijk - como operador concreto para uma análise contextual não fragmentada em processos puramente sociais ou puramente individuais. Com isso, acreditamos que através de uma estilística da comunicação possamos entrever aquele movimento de contextualização e recontextualização da vida social através da fricção entre o agir comunicacional e a dimensão cultural da sociedade.

## 2.2 A teoria do contexto de T. Van Dijk e o conceito bakhtiniano de estilo

Teun Van Dijk inicia seu livro, “Discurso e contexto, uma abordagem sociocognitiva” – obra em que elabora sua teoria do contexto – fazendo uma espécie de *mea-culpa*. Ele diz que, apesar de ter escrito há mais de 30 anos um livro chamado *Text and Context*, o que se lê ali é muito mais sobre texto do que sobre contexto. O autor admite, ainda, que mesmo em trabalhos bem mais recentes tratou pouco da noção de contexto em termos teóricos e diz que, grosso modo, esse esquecimento é uma atitude habitual entre analistas do discurso. Van Dijk fala mesmo que a importância dada ao contexto nas concepções teóricas de grande parte das análises discursivas é algo feito “da boca pra fora”.

O autor revela que há uma indefinição generalizada sobre o termo, com raríssimas exceções. O que ele percebe é que há um uso informal dessa palavra, geralmente equiparando-a a idéias como “ambiente circundante”, “condições”, “situação”, “pano de fundo de caráter social” mas que nunca se refinam nem se tornam precisas essas definições.

O grande problema apontado é que essa indefinição geralmente leva ao entendimento de que o contexto é algo objetivo, dado e que está lá, independente da interação comunicativa concreta que se relacione a ele. Seria então, nesse ponto, que uma teoria específica para a noção de contexto poderia produzir um tensionamento produtivo para se pensar de uma forma menos naturalizada. Assim, se poderia retirar a idéia de contexto das armadilhas do senso comum – sendo a principal delas concebê-lo

como uma situação social imutável que teria uma relação direta com o texto numa incidência de causa e efeito.

A tese central da teoria do contexto de Teun Van Dijk é que “não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação” (2012, p.11). Essa proposição promove um ajuste na noção de contexto negando-o como correspondente à situação social que envolve os discursos e investindo-o de um papel mediador entre essa situação social e os discursos. Essa mediação seria justamente a atividade cognitiva dos sujeitos comunicacionais que era negligenciado pelo paradigma informacional clássico da comunicação, como apontado acima por Louis Queré. Os contextos seriam, então, construtos (inter)subjetivos dos participantes da interação comunicativa:

Contrariamente à maioria das abordagens, que conceituam os contextos como propriedades objetivas das situações sociais, políticas e culturais, entendo que os contextos são construtos dos participantes, ou definições subjetivas das situações interacionais ou comunicativas. Isso não significa que as estruturas sociais e políticas não possam ter dimensões objetivas (por exemplo, de tempo e espaço), ou que elas não sejam vividas como ‘reais’ pelos membros da sociedade. O que conta fundamentalmente para mim é realçar que essas situações sociais só conseguem influenciar o discurso através das interpretações (inter)subjetivas que delas fazem os participantes. Essa perspectiva é um caso especial do ponto de vista de que as situações sociais em geral são construtos sociais e de que elas só conseguem influenciar a conduta humana enquanto tais (VAN DIJK, 2011, p.34)

Os contextos, pensados agora como *modelos mentais* das situações sociais feitos pelos participantes da interação comunicativa, tem, então, como vantagem metodológica, possibilitar a qualquer um que se proponha a analisar discursos, a percepção de que “sem uma interface desse tipo, é impossível explicar os nexos de produção e interpretação sutis que se estabelecem entre a sociedade e o discurso” (VAN DIJK, 2011, p.42). Desse modo, retira-se qualquer ilusão positivista, ou de determinação social, onde se veria uma relação direta de causa e efeito entre a situação social e o discurso.



Essa concepção nos parece bastante importante para tentar integrar aqueles diferentes níveis de contexto – individualismo e coletivismo - que William Hanks percebia estarem, quase sempre, afastados um do outro nas análises contextuais.

Embora a proposta de contexto como modelos mentais possa, em um primeiro momento, nos levar equivocadamente a entendê-lo pela ótica individualista – já que seriam “apenas” construtos dos indivíduos participantes da interação – percebemos, a partir do desenvolvimento da idéia de modelo mental feita por Van Dijk que, na verdade, é só encarando o contexto como modelo mental é que poderemos integrar aqueles dois níveis de análise:

Embora os contextos sejam definições únicas e subjetivas das situações comunicativas, sua estrutura e sua construção tem obviamente uma base social, por exemplo, em termos das cognições sociais compartilhadas (conhecimentos, atitudes, ideologias, gramática, regras, normas e valores) de uma comunidade discursiva, o mesmo acontecendo com as categorias esquemáticas que definem as estruturas possíveis de contextos. Isso significa que os contextos também tem uma importante dimensão intersubjetiva, que é condição primeira para a comunicação e interação (2011, p. 36)

Isso significa, como se pode depreender, que “os contextos são ao mesmo tempo pessoais e sociais – como é também o caso dos discursos que eles controlam” (2011, p. 36). Evidentemente, essa perspectiva nos tira do engano de se fetichizar a subjetividade como algo portador de uma originalidade individual pura construída sem relações com o social. O subjetivo traz sempre consigo uma elevada dose de intersubjetividade.

### 2.3 Buscando operadores de contexto

Mas como ver a incidência dos modelos mentais na materialidade do texto? Sabendo que os contextos - encarados agora como modelos mentais das situações sociais - incidem no discurso onde esse pode apresentar algum grau de variação, Van Dijk (2011) indica que os elementos discursivos sensíveis à variação pelo contexto podem ser percebidos através do gênero discursivo e do estilo.

Mikhail Bakhtin afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros de

discurso” (1992, p.279). Fica claro, portanto, que os gêneros são definidos em termos de seus traços sociais. Mas é no elemento estilístico que essa incidência se torna mais interessante para uma análise discursiva com pretensões efetivamente comunicacionais. Ou, melhor dizendo, é no encontro entre estilo e gênero discursivo – propriamente na modulação que o elemento estilístico pode efetuar nos gêneros discursivos – que podemos entrever algo daquele movimento de reestruturação social de que falávamos anteriormente. É ali, onde o estilo vai produzindo – histórica e socialmente – uma modulação do gênero discursivo que podemos ver o jogo de contextualização e recontextualização da vida social sendo efetivamente jogado.

Em consonância com a oposição sujeito-estrutura esboçada até aqui, vemos que, segundo Bakhtin (1992), há no gênero discursivo uma dimensão estrutural – suas unidades temáticas e suas unidades composicionais – definida pelas situações sociais, mas também uma dimensão de abertura para a modulação dessa estrutura, efetuada pelos participantes imediatos da interação em um processo de escolhas estilísticas que operam a seleção expressiva empírica naqueles recursos estruturais da linguagem – portanto, unidades composicionais, unidades temáticas e estilo são os elementos que compõem o gênero discursivo: “o estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais” (BAKHTIN, 1992, p. 284).

É claro, poderão objetar, que pela concepção bakhtiniana, existiria um estilo de cada gênero e que portanto este estilo não seria algo do campo da indeterminação. Mas é neste nó que reside nosso interesse. Bakhtin (1992) afirma que uma mudança drástica de estilo faria mudar o próprio gênero. E é aí que se efetuam os movimentos de que falávamos. É neste processo de reestruturação genérica que se reestrutura também a vida social, já que gênero de discursos e vida social sofrem uma mútua afetação (Bakhtin, 1992).

O lugar onde ocorre a estabilização do estilo de um gênero é o mesmo lugar de uma potencial ação da indeterminação onde podem acontecer movimentos de desestabilização daquele estilo genérico característico através de um estilo característico da interação concreta. O estilo, portanto, é o cambiante. Sua cristalização é a própria institucionalização de normas e valores, enquanto sua desestabilização é a potencial reestruturação desses:

os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo [...] pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero” (BAKHTIN,1992, p. 285).

O conceito bakhtiniano de estilo – enquanto elemento especialmente sensível ao contexto, já que ele é um sub-elemento qualificador de uma dimensão discursiva também sensível ao contexto que é o gênero discursivo – se oferece como o operador por excelência para se medir os modelos mentais e, o que é mais importante, tanto em sua face social quanto individual pois é aí, nesse lugar, que poderemos perceber o movimento gerado pela fricção entre o agir comunicacional e a dimensão sociocultural da sociedade. É no nó do estilo do gênero que será possível perceber a negociação entre as normas, valores e institucionalidade socioculturais e a ação individual concreta que ali se opera.

Para advogar em favor de nossa percepção de que o estilo é a expressão encarnada, no texto, do contexto (portanto, do modelo mental) que o envolve, recorreremos ao argumento de que a noção bakhtiniana de estilo é, ela também, ao mesmo tempo, social e individual.

O estilo é individual já que, como propõe Bakhtin, ele é a escolha feita, pelo participante concreto da interação, nos recursos expressivos da linguagem (1992). Essa escolha só é possível feita por um indivíduo concreto, com todas as suas contingências específicas que, embora amplamente sociais, não podem deixar de serem vistas, por certa perspectiva, também como contingências individuais – ainda que essa individualidade seja apenas a configuração específica que aquele sujeito concreto desenhou, a partir de sua história pessoal, para as contingências sociais.

Basta ver, por exemplo, como Gilles Gaston Granger (1974), na obra *Filosofia do Estilo*, mostra que, mesmo na linguagem das ciências naturais onde, teoricamente, as marcas do indivíduo se apagam devido à natureza daquele tipo de linguagem altamente estruturada, aparecem, de algum modo, os traços do indivíduo. Sirio Possenti, comentando a obra de Granger, mostra que, justamente por “Granger considerar o trabalho, o processo de construção da linguagem, e não apenas o produto estruturado” (2008, p.211) é que podemos perceber o individual. Granger – falando da linguagem das ciências naturais - nos lembra que

o individual aparece, necessariamente, de início, como o lado negativo das estruturas (...) Que tal modo de estruturação tenha sido escolhido de preferência a outro (...) para construir o modelo de um certo fenômeno, eis aí o que resulta dessa negatividade ou, se se quiser, desta indeterminação ou, melhor ainda, sobredeterminação (GRANGER *apud* POSSENTI, 2008, p.212).

Estamos advogando aqui que o estilo também é social e, para isso, teremos que recorrer ao traço da definição de estilo - como formulado por Bakhtin - que mais o caracteriza: o dialogismo.

Bakhtin promove uma reconsideração no famoso aforismo feito por Conde de Buffon. Para este, “o estilo é o homem”. Para Bakhtin, “o estilo são dois homens”. Mas antes que possamos enxergar nessa reversão um apagamento do individual, devemos perceber que, ao contrário, ele vê nesse individual a possibilidade do encontro de múltiplas vozes sociais, como é característico, aliás, da sua noção de sujeito. Completando sua referência ao Conde de Buffon, Bakhtin diz que

o estilo é o homem, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa (BAKHTIN *apud* BRAIT, 2005, p.93).

Beth Brait afirma que Bakhtin “vai considerar que o estilo [...] depende do tipo de relação existente entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, ou seja, o ouvinte, o leitor, o interlocutor próximo e o imaginado (o real e o presumido), o discurso do outro etc.” (2005, p.89). Para Bakhtin, portanto, o estilo é um elemento central para se perceber o dialogismo, essa fronteira em que eu/outro se interpenetram sem se fundirem ou confundirem (BRAIT, 2005).

Desse modo, o estilo, a partir de uma concepção bakhtiniana, é ao mesmo tempo individual e social. As normas e os valores que compõem a dimensão cultural da sociedade estarão sempre sujeitos a uma gradação dessas micro e macro perspectivas. Levar isso em conta pode ser bastante produtivo para aquele objetivo, de que falávamos no começo do texto, de se pensar o campo de estudos da comunicação como tendo a especificidade de observar as mudanças estruturais da sociedade através de seus processos interacionais.

Assim, acreditamos que o desenvolvimento de uma estilística da comunicação seja extremamente importante para aprofundar a percepção das contingências contextuais a que todo processo comunicacional está envolvido e, dessa forma, ajudar a poder melhor ver esse campo de estudo por ângulos que lhe sejam mais próprios e específicos.

## **Considerações finais**

O grande risco da utilização de análises discursivas em uma pesquisa da área de comunicação seria não levar em conta os constrangimentos contextuais a que qualquer sentido advindo das materialidades sógnicas estaria sujeito. Toda a construção que efetuamos até agora sobre a estilística da comunicação objetiva, justamente, uma análise discursiva de tipo comunicacional, realmente atenta aos contextos.

Como a análise discursiva tem como material observável, os textos que circulam nas situações de comunicação, a armadilha mais evidente a que o analista está sujeito é ficar preso apenas à superfície textual ou, se sair dela, buscar os contextos como dados objetivos das situações sociais – o que seria, como vimos, uma atitude marcada por um simplismo objetivista.

Perceber, na materialidade textual, os traços contextuais que a conformam seria o intuito primeiro ao empreender uma análise discursiva baseada em nossa proposta de uma estilística da comunicação. Assim, atingiríamos nosso objetivo de perceber o movimento de recontextualização da vida social através da fricção entre o agir comunicacional e a dimensão cultural da sociedade.

Uma proposta explícita de análise discursiva deste tipo, e que se harmoniza perfeitamente com nossa estilística da comunicação é a que podemos perceber nas concepções de Patrick Charaudeau:

Charaudeau propõe uma ‘teoria do discurso como jogo de comunicação’ em que a significação é apanhada numa espécie de duplo enganchamento entre dois movimentos: um, que vai do psicossocial à linguagem; outro, que vai da língua ao discursivo. Que esse enganchamento se dê na linguagem, mas que não seja exclusivamente lingüístico, é condição fundamental para uma análise de discurso de novo tipo, desafiada pelo dilema enfrentado pela vertente semiótica das filosofias modernizadoras, nesse período em

que elas sucumbiram à miragem lingüística (GUIMARÃES, 1999, p.110)

Este duplo enganchamento é o que nos interessa para pensarmos a questão do estilo. Se o enganchamento se dá na linguagem mas não é exclusivamente lingüístico, para achá-lo temos que pensar em que lugar na linguagem, ocorre a ligação dos dados puramente lingüísticos com os dados sociais externos do discurso. É nesse lugar que ocorre um movimento duplo onde estas condicionantes se afetam mutuamente. Que lugar é este? O quê engancha, na linguagem, o social ao lingüístico e o lingüístico ao social? Acreditamos – de acordo com nossos argumentos na construção de uma estilística da comunicação - que o enganchamento é efetuado pelo *estilo concreto* de cada processo comunicativo singular. Mais especificamente, podemos dizer que o enganchamento é realizado por sujeitos empíricos, e estes o fazem de um modo particular, sendo a isso o que chamamos estilo. Através de estilos particulares, os sujeitos da comunicação fundirão o dentro com o fora do discurso, concretizando assim um processo comunicacional.

Ainda que este enganchamento estilístico ocorra na linguagem, não significa que seja exclusivamente lingüístico. Ao contrário, parece ser o que de mais concretamente social existe na linguagem, justamente por que ele é a escolha expressiva concreta dos sujeitos empíricos feita nos recursos discursivos previamente colocados por suas diversas estruturas genéricas. (BAKHTIN, 1992). O enganchamento é, pois, uma concretude que nos alerta para o fato de que nem só de assujeitamento vive o discurso. São os sujeitos concretos de uma interação comunicativa singular, através de escolhas estilísticas, que irão provocar o enganchamento entre aquelas instâncias que outrora estavam desenganchadas e, portanto, virtualizadas em suas características estruturais – como propõe Eduardo Duarte “[a] comunicação é uma virtualidade que se atualiza na relação” (2003, p.48).

Para utilizar essa estilística verdadeiramente comunicacional, necessitaremos, como propõe Van Dijk, de uma análise discursiva que, para relacionar “as estruturas do discurso às situações sociais e à estrutura da sociedade, precisariam também estar presentes vários componentes cognitivos, formulados em termos de condições sociais compartilhadas (conhecimentos, ideologias, normas, valores) em geral, e dos modelos mentais únicos dos membros sociais, em particular” (2011, p.44). Uma proposta de

análise discursiva pertinente ao campo da comunicação deve prestar atenção, então, aos aspectos estilísticos que modulam as estruturas prévias à concretização da comunicação.

Dominique Maingueneau – analista do discurso atento às dinâmicas contextuais – nos dá um exemplo concreto:

Ao considerar, por exemplo, manifestos surrealistas, sua intenção não será a de examiná-los como amostras do gênero ‘manifesto’, **mas, antes, para compreender como o discurso surrealista investe as regras próprias deste gênero.** Na realidade, este investimento pode realizar-se de múltiplas maneiras, de acordo com as formações discursivas consideradas, **indo desde a perfeita concordância até o conflito.** Mesmo o caso extremo, representado pela subversão de um gênero, pressupõe, evidentemente, que as coerções genéricas sejam, como tal, percebidas. (MAINGUENEAU, 2001, p.5, grifos nossos)

Portanto, nos interessa, enquanto pesquisadores, perceber o estilo de cada interação particular e como ele coloca em movimento as estruturas sociais e linguísticas abstratas prévias ao enganchamento. As condicionantes dessas estruturas existem, mas a elas são defrontadas as indeterminações oriundas dos sujeitos empíricos participantes do discurso. Se este defrontamento ocorre em concordância plena, negociada ou numa dinâmica discordante, só o estilo concreto poderá nos revelar.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução: Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRAIT, Beth. Estilo. *In:* BRAIT, Beth. **Bakhtin:** conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 79 a 102.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da comunicação. *In:* Lopes, Maria Immacolata (Org.). **Epistemologia da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003, p. 41-54.

FRANÇA, Vera R. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *In:* MOTTA, L. G.; WEBER, M. H.; FRANÇA, V.; PAIVA, R. (Org.). **Estratégias e culturas da comunicação.** Brasília: Ed. UnB, 2002. cap. 1, p. 13-29.

FRANÇA, Vera. L. Quere: dos modelos da comunicação. *In:* **Revista Fronteiras,** Porto Alegre, v. V, nº 2, dezembro de 2003, p. 38 a 51.

GRANGER, G.G. **Filosofia do estilo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974

GUIMARÃES, César. Algumas notas sobre a interlocução entre a análise do discurso e a teoria da comunicação. *In*: MARI, Hugo et al (Orgs). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999, p. 107 a 120

HANKS, W. **Língua como prática social**. São Paulo: Ed. Cortez, 2008

MAINGUENAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo, subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

QUÉRÈ, Louis. **D'un modele épistemologique de la communication à um modele prazéologique**. *In*: Réseaux, n° 46/47, Paris: Tekhné, mar-abril, 1991.

VAN DIJK, T. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.